***Amor por anexins*, de Artur Azevedo**

Fonte:
AZEVEDO, Artur. A capital federal , O badejo , A jóia , Amor por anexins. [estabelecimento de texto: Prof. Antonio Martins de Araújo]. Rio de Janeiro: Ediouro. (Prestígio).

Texto proveniente de:
A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado pela voluntária:
Selma Suely Teixeira – Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

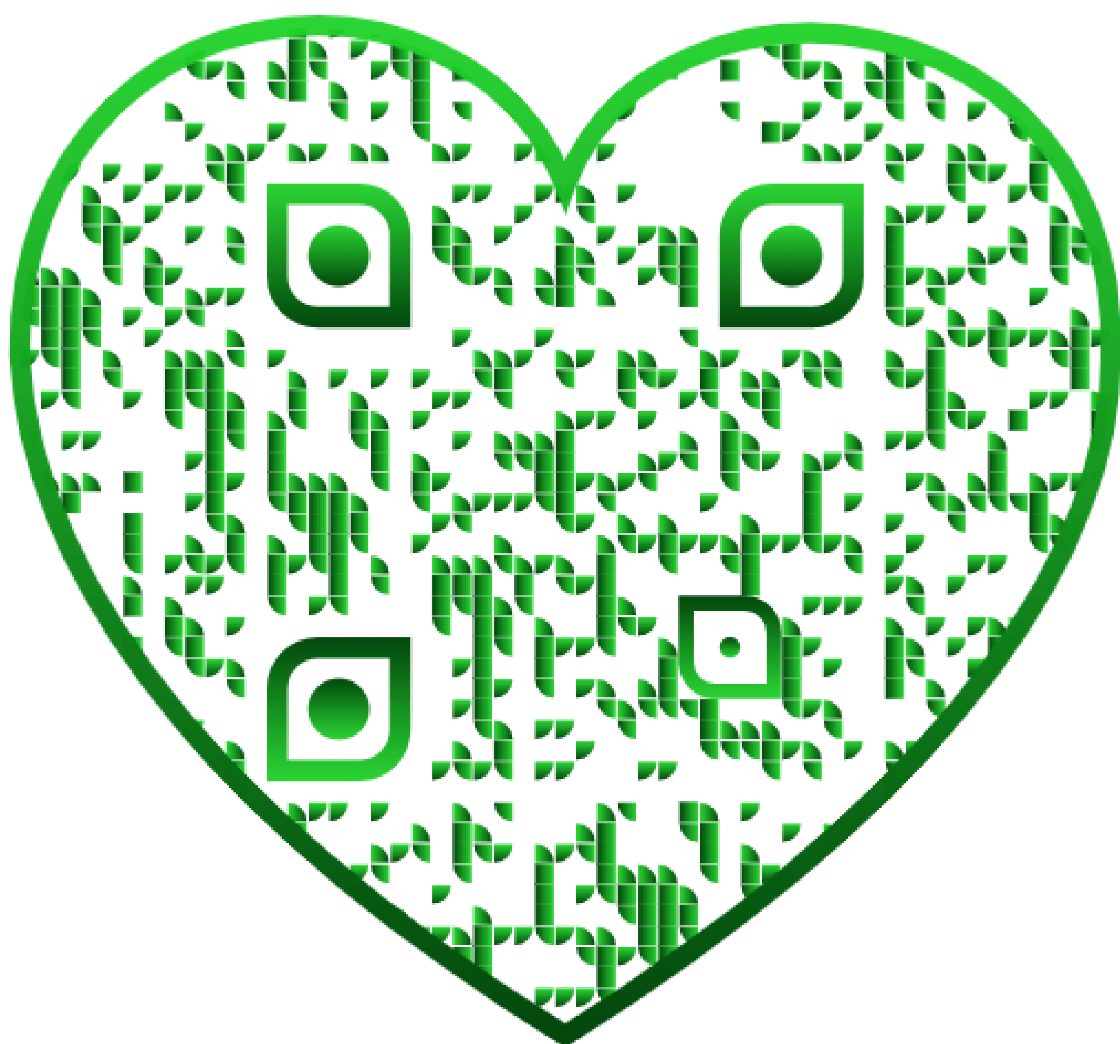
Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

Amor por Anexins

Artur Azevedo

Entreato cômico

Esta farsa, entremez, entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrito há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Pô-la em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem ela Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.



Personagens

Isaías.. solteirão
Inês.. viúva
Um Carteiro...

A cena passa-se no Rio de Janeiro.
Época, atualidade.

Ato Único

Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala uma talha d'água. Cadeiras.

- Cena I -
(Inês)

Inês (*Cose sentada à mesa, e olha para a rua, pela janela*.) – Lá está parado à esquina o homem dos anexins! Não há meio de ver-me livre de semelhante cáustico. Ora eu, uma viúva, e, de mais a mais com promessa de casamento, havia de aceitar para marido aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (*Desce à boca de cena*.)

Copla

Eu, que gosto, perdido
Tenho casamentos mil,
Com mais de um belo marido,
Garboso, rico e gentil,
De um velho agora a proposta,
Meu Deus! Devia aceitar?
Demais um velho que gosta
De assim tão jarreta andar!
Nada! Nada!
Não me agrada!
Quero um marido melhor!
É bem mau não ser casada,

Mas mal casada é pior.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a Segunda em que me pede em casamento. (*Tira uma carta da algibeira*.) Ela aqui está. (*Lê*.) “Minha bela senhora. Estimo que estas duas regras vão encontrá-la no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela Segunda vez. Ruim é quem em ruim conta se tem, e eu que não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.”(*Declamando*.) Que enfiada de anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (*Continua a ler*.) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.”(*Guardando a carta*.) Está bem aviado, Senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (*Sai pela porta da direita. Pausa*.)

- Cena II –
(Isaías)

Isaías (*Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo*.) – Porta aberta, o justo peca. (*Avançando na ponta dos pés*.) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um Deus nos acuda; mas muitas vezes donde não se espera daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora adeus! Quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; ma como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a . Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens. (*Examinando a casa*.) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (*Reparando*.) Ai, que ela aí vem! (*Perfilando-se*.) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (*Atrapalhando-se*.) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira...

- Cena III –
Isaías e Inês

Inês (*Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.*) – Ai!
Isaías (*Embargando-lhe a passagem.*) – Ninguém deve correr sem ver de quê.
Inês – Que quer o senhor aqui?
Isaías – Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...
Inês (*Interrompendo-o .*) – Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!
Isaías – Não há carta sem resposta...
Inês (*Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água*) – Saia, quando não...
Isaías (*Impassível.*) – Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada...
Inês – Eu grito!
Isaías – Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para sim pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...
Inês – O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!
Isaías – O diabo não é tão feio como se pinta...
Inês – É feio, é!...
Isaías – Quem o feio ama bonito lhe parece.
Inês – Amá-lo eu?! Nunca...
Isaías – Ninguém diga: desta água não beberei...
Inês – É abominável! Irra!
Isaías – Água mole em pedra dura, tanto dá...
Inês – Repugnante!
Isaías – Quem espera sempre alcança.
Inês – Desengane-se!
Isaías – O futuro a Deus pertence!
Inês – Há alguém que me estima deveras...
Isaías – Esse alguém (*Naturalmente.*) sou eu.
Inês – Isso era o que faltava! (*Suspirando.*) Esse alguém...
Isaías – Quem conta um conto, acrescenta um ponto...
Inês – Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...
Isaías – Quem elogia a noiva...
Inês – O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.
Isaías – Quem desdenha quer comprar...
Inês – Comprar! Um homem tão feio!...
Isaías – Feio no corpo, bonito na alma.
Inês (*Sentando-se.*) – Deus me livre de semelhante marido!
Isaías – Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (*Senta-se também.*)
Inês (*Erguendo-se.*) – Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!
Isaías (*Sempre impassível.*) – Há males que vêm para bem.
Inês – Temo-la travada.
Isaías – Venha sentar-se a meu lado. (*Vendo que Inês senta-se longe dele.*) Se não quiser,

vou eu... (*Dispõe-se a aproximar a cadeira*.)
Inês – Pois sim! Não se incomode! (*Faz-lhe a vontade*.) Não há remédio!
Isaías (*Chegando mais a cadeira*.) – O que não tem remédio remediado está.
Inês (*Afastando a sua*.) – O que mais deseja?
Isaías – Diga-me cá: o seu noivo? ... (*Faz-lhe uma cara*.)
Inês – Não entendo.
Isaías – Para bom entendedor meia palavra basta...
Inês – Mas o senhor nem meia palavra disse!
Isaías – Pergunto se... fala francês...
Inês – Como?
Isaías – Ora bolas! Quem é surdo não conversa!
Inês – Mas a que vem essa pergunta?
Isaías (*Naturalmente*.) – Quem pergunta quer saber.
Inês – Ora!
Isaías (*Sentencioso*.) – Dois sacos vazios não se podem Ter de pé.
Inês – Essa teoria parece-se muito com o senhor.
Isaías – Por quê?
Inês – Porque já caducou também.
Isaías (*Formalizado*.) – Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.
Inês – É verdade.
Isaías – Não é.
Inês – É.
Isaías – Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (*Ergue-se e passeia*.)
Inês – Ah! O senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices! (*Ergue-se*.)
Isaías (*Interrompendo o seu passeio, solenemente*.) – Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.
Inês – Ora! Somos ainda muito moços!
Isaías – Quem? Nós?
Inês (*De mau humor*.) – Não falo do senhor: falo dele...
Isaías – Ah! Fala dele...
Inês – Havemos de trabalhar um para o outro...
Isaías – É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

Canto

Inês – Sem desgosto viveremos,
Seremos ricos, talvez;
Muitos morgados teremos...
Isaías – Mas um só de cada vez...
(*Zangado*.) A faceira
Talvez convidar-me queira
Para padrinho de algum!
Inês – E não suponha que, apesar de pobre, não me faça bonitos presentes o meu noivo.
Isaías – É! Quem cabras não tem e cabritos...
Inês – Insulta-o?
Isaías – Cão danado, todos a ele! Pois eu havia de insultá-lo, senhora?

Inês – Se estivesse calado...
Isaías – Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu futurozinho me interessa...
Inês – Muito obrigada. (*Senta-se.*)
Isaías – Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me; quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega, boa sombra o cobre.
Inês – Mesmo por já estar no caso de me dar conselhos, é que o não quero para marido.
Isaías – Se eu fosse jovem, não me havia de aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...
Inês – Não desejo enviuvar de novo...
Isaías – Vaso ruim não quebra...
Inês – Desengana-se, senhor: não são os seus ditados que me hão de fazer mudar de resolução! (*Passeia.*) Oh!
Isaías (*Acompanhando-a* .) – Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo É quem se cansa... (*Inês volta-se param defronte um do outro.*) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...
Inês (*À parte.*) – Vou pregar-lhe uma peta. (*Alto.*) Mas se me faltasse esse noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes.
Isaías – Águas passadas não movem moinhos!
Inês – E entre eles...
Isaías –O passado! Passado!
Inês – Não me interrompa!.. E entre eles há um ricaço que em outro tempo...
Isaías –O tempo que vai não volta!
Inês – Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutro tempo se esqueceu da promessa...
Isaías – O prometido é devido!
Inês – Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez pelo beicinho...
Isaías – Cesteiro que faz um cesto faz um cento... (*Movimento de Inês. Com força.*) Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?
Inês – É segredo.
Isaías – Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (*A um gesto de Inês.*) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...
Inês – O senhor tem na cabeça um moinho de adágios! Passa!...
Isaías – O que abunda não prejudica.
Inês – Bem! Para maçadas basta. Mude-se!
Isaías – Os incomodados é que se mudam.
Inês – Mas eu estou em minha casa, senhor!
Isaías – Descobriu mel de pau!
Inês – Irra! Que homem sem-vergonha!
Isaías (*Examinando cinicamente a costura.*) – Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.
Inês – Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...
Isaías – Cão que ladra não morde.. E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...
Inês (*Irônica.*) – Ora, por quem é, não faça mal ao pobre moço, sim?

Isaías – Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver a outra...
Inês (*No mesmo*.) – Ora não faça tal.
Isaías – Faço! Isto tão certo como dois e três serem cinco. São favas contadas. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele!
Inês – Ma sabe que ele é valente?
Isaías – Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!
Inês – Ponha-se ao fresco, preciso sair; tenho que fazer lá fora.
Isaías – E eu tenho que fazer cá dentro. Um dia bom mete-se em casa. (*Pausa*.) Olhe, senhora, olhe bem para mim acha-me feio; não acha?
Inês – Ai, ai, ai!...
Isaías – Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. (*Suplicante*.) Case comigo.
Inês – Gentes!
Isaías – Ah! Se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...
Inês (*Arremedando-o* .) – Ao seu maridinho... (*À parte*.) Oh! Que idéia! Vou me ver livre dele. (*Alto*.) Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?
Isaías – Conforme o serviço: ponha os pontos nos ii.
Inês – Se me fosse comprar três metros de escumilha. Olhe... Aqui tem a amostra... No armarinho do Godinho.. Sabe onde é?
Isaías – Sei; mas quando não soubesse? Quem tem boca vai a Roma.
Inês – Está contrariado?
Isaías – O que vai por gosto regala a vida.
Inês – Tome o dinheiro.
Isaías – Nada... não é preciso... (*Vai saindo e estaca*.) Diabo! Não me lembra um ditado a propósito! (*Sai*.)

- Cena IV –
(Inês)

Inês – Está bem aviado... Quando voltares, hás de achar a porta fechada. Safa! Que maçador! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (*Aparece à porta um carteiro*.)

- Cena V –
Inês, o Carteiro

O Carteiro – Boa tarde, minha senhora.
Inês – Boa tarde. O que deseja?
O Carteiro – Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...
Inês – Uma carta? (*Recebendo a carta, consigo*.) De quem será? (*Ao carteiro*.) Obrigada.

O Carteiro – Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!
Inês - Adeus. (*O carteiro sai*.)

- Cena VI –
(Inês)

Inês – Ah! A letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (*Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia*.) "Inês. Peço-te perdão por Ter dado causa a que perdesses comigo o teu tempo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim – Filipe." (*Declamando*.) Será possível! Oh! Meu Deus! (*Relendo*.) Sim... cá está... é a sua letra... (*Depois de ter ficado pensativa um momento*.) Ora, adeus. Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu "sim" perfeitamente engatilhado! Oh! O dinheiro...

Recitativo

Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão.
Que ao trono teu auriluzente e fúlgido
Meus pobres hinos proclamar-te vão.

Do teu poder universal, enérgico,
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!
Rígida mola desta imensa máquina,
Fácil conduto para o eterno bem!

Aos teus acenos, Deus antigo e déspota,
Aos teus acenos, Deus modernos e bom,
Caem virtudes e se exaltam vícios!
Todos te almejam precioso Dom!

Inda hás de ser o derradeiro ídolo,
Inda hás de ser a só religião,
Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Dinheiro, Rei dos reis, Razão!...

- Cena VII –
Inês, Isaías

Isaías (*Entrando*.) – Quem canta seus males espanta.
Inês – Já de volta! O senhor foi a correr!
Isaías – Nada! Quem corre cansa. Encontrei outro armarinho mais perto...
Inês (*Tomando a fazenda*.) – Muito obrigada. Quanto custou?
Isaías – Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...
Inês – Pois olhe: o outro vende mais barato.
Isaías – O barato sai caro, e mais vale um gosto do que quatro vinténs.
Inês – Regateou?
Isaías – Regatear! Para quê? Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar.
Inês – Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de anexins!
Isaías – Da pataca do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupado sim, sovina não. Eu cá sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua manha.

Canto

Há sido um gato sapato;
Preciso do casamento!
O maldito celibato
Não é viver, é tormento.

Quero honesta rapariga
Entre as belas procurar,
Muito embora o mundo diga:
Quem já andou não tem pra andar...

A existência de casado
Talvez venturas me traga,
Se diz verdade o ditado:
Amor com amor se paga.

Se eu for constante e fervente,
Ela tudo isso será;
Se eu amá-la eternamente,
Ela também me amará!

Eu escravo e a esposa escrava,
Viveremos sem desgosto;
Uma mão a outra lava
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andará ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Inês (*À parte*.) – Levemos a coisa com jeito. (*Alto*.) O senhor... (*Com uma idéia*.) Ah!
Isaías – Oh!
Inês – Já viu representar *As pragas do Capitão*?
Isaías – Não, senhora. De pragas ando eu farto.
Inês – Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer-lhe a condição de não praguejar durante meia hora.
Isaías – Falo em alhos, a senhora responde com bugalhos!
Inês – Já lá vamos aos alhos aceito a sua proposta.
Isaías (*Impetuosamente*.) – Aceita?
Inês – Sim, senhor.
Isaías (*Incrédulo*.) – Qual! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...
Inês – Mas imponho também a minha condição...
Isaías – Imponha: manda quem pode.
Inês – Se conseguir levar meia hora sem...
Isaías – Sem praguejar?...
Inês – Não! Sem dizer um anexim! Se conseguir, é sua a minha mão.
Isaías – Deveras?
Inês (*Sentando-se*.) – Deveras.
Isaías – Mas eu posso estar calado?
Inês – Como assim?! Era o que faltava! Há de falar pelos cotovelos!
Isaías – Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...
Inês – Ai, que escapou-lhe um!
Isaías – Pois o que quer? A continuação do cachimbo...
Inês – Faz a boca torta, já duas vezes.
Isaías – Nas três o diabo as fez.
Inês – Ai, ai, ai! Vamos muito mal!
Isaías – Ma não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!
Inês – Outro!
Isaías – Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de César!
Inês – O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa.) Aceita o desafio? (*Pausa*.) Bem. Quem cala consente...
Isaías – Ah! Agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...
Inês – Ai, ai!
Isaías – Foi engano.
Inês – Dos enganos comem os escrivães. (*Pausa*.) Então? Diga alguma coisa...
Isaías – O que hei de dizer.. senão.... que gosto muito da senhora... e...
Inês – Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.
Isaías – Não me provoque, senhora, não me provoque!
Inês – Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...
Isaías (*Agitado*.) – Brasa! Sardinha! Oh! Que suplício!
Inês – O que tem o senhor?
Isaías – Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...
Inês – Sabe o que mais?
Isaías – Vou saber.

Inês – Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí?
Isaías – E a condição?
Inês – Caducou. (*Dando-lhe a mão*.) Aqui tem: sou sua.
Isaías (*Contente*.) – Minha! (*Em outro tom*.) E os outros?
Inês – Não existem, nunca existiram!
Isaías – Pois estou acordado? Se estiver dormindo, deixa-me estar: não me acordes.
Inês – Está bem acordado.
Isaías – Estou?! (*Pulando de contente*.) Então viva Deus! Viva o prazer! ... Trá lá lá rá lá! (*Quer abraçá-la*.)
Inês (*Gritando*.) – Alto lá! Mais amor e menor confiança!
Isaías – E que o rato nunca comeu mel, quando come.. (*Outro tom*.) Pode-se dizer este ditadozinho?...
Inês – Quantos quiser!
Isaías (*Concluindo*.) – ... se lambuza! (*Tomando-lhe as mão*s.) E tu? Amas-me, meu bem?
Inês – Sossegue: o amor virá depois. Seja bom marido e deixe o barco andar!
Isaías – Apoiado. Roma não se fez num dia!
Inês – E tenha sempre muita fé nos seus anexins.
Isaías – É verdade: O que tem de ser tem muita força. O homem põe... e a mulher dispõe!...
Inês – Basta! Despeça-se destes senhores, e vá tratar dos papéis...
Isaías – Quem tem boca não manda... cantar. Mas, enfim... (*Ao público*.)

Copla final

Antes que daqui nos vamos,
Inês vos dirá quais são
Os votos que alimentamos
No fundo do coração.

Inês - Os votos que neste instante
Fazemos nestes confins
(*Deita a mão sobre o coração*.)
É que nos ameis bastante
Embora por anexins.

Ambos- Muitas palmas esperamos
De vós:
Metade para o autor, metade para nós.

(*Cai o pano*.)

- FIM -